



#### 4º Domingo do Advento (Ano B)

##### O texto – Lc 1,26-38

<sup>26</sup> No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado da parte de DEUS a uma cidade da Galileia, de nome Nazaré, <sup>27</sup>a uma *virgem*, prometida em casamento a um homem, de nome José, da casa de David. O nome da *virgem* era **Maria**.

<sup>28</sup> Entrando onde ela estava, disse:  
«Alegra-te, cheia de graça, o **Senhor** está contigo!».

<sup>29</sup> A esta PALAVRA, ela perturbou-se e reflectia que saudação era esta.

<sup>30</sup> Mas o anjo disse-lhe: «Não tenhas medo, Maria, porque *encontraste graça* diante de Deus.

<sup>31</sup> Eis que conceberás no seio  
e darás à luz um **filho**  
e lhe porás o nome de **Jesus**.

<sup>32</sup> Ele será *GRANDE* e será chamado **FILHO DO ALTÍSSIMO**.  
O Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai.

<sup>33</sup> Ele reinará na casa de Jacob pelos séculos  
e o seu reino não terá fim».

<sup>34</sup> Maria disse ao anjo:  
«Como acontecerá isso, pois não conheço homem?»

<sup>35</sup> Respondendo, o anjo disse-lhe:  
«O ESPÍRITO SANTO virá sobre ti  
e o PODER DO ALTÍSSIMO te cobrirá com a sua sombra;  
por isso o que vai nascer *SANTO* será chamado **FILHO DE DEUS**.

<sup>36</sup> Eis que Isabel, tua parente,  
concebeu um filho na sua velhice,  
e este é o sexto mês daquela que era chamada estéril,

<sup>37</sup> *porque para Deus nada é impossível*». (Gn 18,14)

<sup>38</sup> Disse então Maria:  
«Eis aqui a serva do **Senhor**. Aconteça comigo segundo a tua PALAVRA!».  
E afastou-se dela o anjo.

## Breve comentário

### Introdução (26-28a)

É Deus o grande director da história, enquanto o anjo, termo grego que significa «mensageiro», executa a vontade divina.

O destino de Gabriel é Nazaré, obscura aldeia sem história e sem menção em todo o Antigo Testamento (cf. Jo 1,46). Está situada a norte, entre as colinas da baixa Galileia. Portanto, não são Jerusalém ou a Judeia os destinatários privilegiados da nova intervenção divina, mas uma aldeia desconhecida da Galileia.

Além de solene, o início é insólito, porque normalmente é o inferior que vai ter com o superior. A destinatária é primeiro apresentada com uma qualificação, «virgem» (v. 27), sem dúvida digna de valor, repetida duas vezes no mesmo versículo. De facto, tal qualificação antecipa por parte do evangelista aquilo que a interessada dirá de si mesma no v. 34. Seguem-se outros pormenores, como a condição social de mulher que cumpriu a primeira fase do matrimónio, a descendência davídica do marido, o nome do marido e, por fim, não sem solenidade, o seu nome: Maria. A abundância de pormenores e o cuidado na escolha dos mesmos são um primeiro indício do papel importante que Maria tem na missão que Deus lhe quer confiar.

O anjo é apresentado como uma pessoa que entra numa casa. Deus torna-se presente onde vivem os homens, no quotidiano da vida. É clara a intenção do evangelista em apresentar de modo concreto o acontecimento.

### A saudação (vv. 28b-29)

A saudação é fora do comum, quer porque em nenhum caso um mulher até então tinha sido saudada daquela maneira, quer porque o seu conteúdo sai fora dos esquemas habituais.

A saudação é tripartida: «Alegra-te, tu que Deus cumulou dos seus favores, o Senhor está contigo». A iniciativa amorosa de Deus em relação a Maria é compendiada no termo «graça», que exprime o novo nome dado a Maria (v. 28 e v. 30).

«O Senhor está contigo»: a ideia da missão está implícita. Quando Deus está com Israel ou com um seu eleito (Jacob; Moisés; Gedeão), isto significa não apenas protecção mas já uma ajuda para a missão. Maria é colocada na linha das grandes figuras que receberam de Deus um particular sustento em vista da tarefa a cumprir.

A saudação insólita causa a perturbação de Maria (v. 29). Não se trata duma perturbação descontrolada, porque Maria não perde a concentração e a capacidade de reflectir nas palavras da mensagem.

### Primeira parte da mensagem (vv. 30-33)

O anjo retoma a linha da saudação. «Não temas, Maria», mais propriamente, segundo o grego: «Não temas mais», «Deixa todo o temor». É um convite à serenidade e à esperança. Depois de ter tranquilizado Maria, retoma o termo «graça». «Encontrar graça» é um semitismo para indicar o benévolo acolhimento dado a um subalterno (cf. 1Sm 1,18); mas apenas de Noé e de Moisés se afirma que encontraram graça junto de Deus. É um favor da parte de Deus concedido a poucos.

Para Maria tal promessa chega de Deus através das palavras do anjo. O favor que Deus concede vale para a pessoa e, portanto, para a tarefa confiada a tal pessoa. Está tudo pronto para a mensagem propriamente dita.

A mensagem vem agora anunciar um nascimento e a missão do que vai nascer (vv. 31-33). Jesus é apresentado não no seu fazer, mas no seu ser. São especificados os títulos, não a acção: ser grande, ser chamado Filho do Altíssimo, receber o trono de David, reinar para sempre, ser Filho de Deus.

O nome «Jesus», dado do alto, como em todas as intervenções de Deus, não é insólito – sobretudo na sua forma longa «Josué» – e não recebe interpretação, mesmo se um ouvido sensível ao hebraico podia facilmente entendê-lo como «Yahweh é salvação».

Com o v. 32 continua a apresentação do ilustre menino. Acerca dele é dito que será «grande», título que sem mais precisões era reservado ao próprio Deus. De facto gozará com Deus duma relação exclusiva que o título «Filho do Altíssimo» torna mais manifesta.

A íntima ligação com Deus torna-o o esperado, aquele que restaura a decaída dinastia davídica, assegurando-lhe uma estabilidade eterna. Nele Deus leva a cumprimento as promessas de que está cheio o Antigo Testamento.

#### A pergunta de Maria (v. 34)

Perante um anúncio tão extraordinário, Maria reage com uma pergunta: «Como será possível? Não conheço homem». É a segunda reacção de Maria, desta vez verbal, tida para melhor entender a mensagem.

O «sou virgem» é a afirmação da situação actual de Maria; em tal estado deve cumprir-se a maternidade, daqui a não clara compreensão da combinação maternidade-virgindade.

#### Segunda parte da mensagem (vv. 35-37)

Estamos no vértice da narração porque o que vai nascer é declarado Filho de Deus. É dado um colorido cristão ao messianismo davídico, assinalando a passagem definitiva do Antigo ao Novo Testamento.

«O Espírito Santo descerá sobre ti, sobre ti estenderá a sua sombra o poder do Altíssimo». O texto exclui categoricamente a iniciativa e papel do homem na concepção, mas não explica como Deus intervém nem como age o Espírito. Vem sobre Maria como há-se vir sobre os Apóstolos (Act 1,8).

Aquele que vai nascer gozará duma relação única com Deus, será da sua mesma natureza: «Por isso, aquele que vai nascer santo será chamado Filho de Deus». Da presença criadora do Espírito não pode senão nascer um filho santo: o «por isso» explica a passagem da concepção ao nascimento e prepara o nome «Filho de Deus». Nome que aparece aqui pela primeira vez no Evangelho de Lucas e representa o vértice teológico de toda a mensagem: o filho de Maria é também Filho de Deus. Maria não é mãe dum homem que se torna Deus, mas dum ser humano cuja pessoa sempre foi divina. Encontramos aqui a maior originalidade do cristianismo: a profunda identidade de Cristo e o seu mistério.

O sinal oferecido (v. 36) é desconcertante: «Também Isabel...». Porquanto o homem esteja disposto a aderir ao projecto divino, não é fácil acolher o que transcende e de algum modo se opõe à natureza humana. Um nascimento virginal constitui algo estranho ao homem, a roçar o impossível e o absurdo. Maria não exige uma documentação nem requer uma prova, simplesmente recebe um sinal da bondade divina. A velha parente Isabel espera um menino e já está no sexto mês de gravidez.

A possibilidade efectiva de realizar o humanamente impossível é confiada à intervenção de Deus, para o qual não existem limitações (v. 37). A citação de Gn 18,14 relança o presente com a melhor tradição bíblica: Isaac, o filho da promessa, nasce pela surpreendente presença de Deus no surgir da vida. O contraste não está entre Deus e a natureza, mas entre o Deus potente e o homem impotente.

#### O «sim» de Maria (v. 38)

A terceira reacção de Maria é completa e definitiva: «Eis a serva do Senhor...». A mesma autodefinição vai ser encontrada mais tarde no *Magnificat* (1,48). É o assentimento, a participação da vontade e do coração que escuta, o abandono a qualquer referência pessoal para confiar só na palavra divina.

Encontramos aqui o único caso em histórias semelhantes: o destinatário exprime a sua adesão. Maria fá-lo com a fórmula «serva do Senhor» que, única na Bíblia para uma mulher, liga-se no entanto a toda uma história de chamados por Deus que tinham respondido com a própria vida ao serviço do Senhor.